



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - IH**  
**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA - FIL**

**VILÉM FLUSSER:**

**UMA REFLEXÃO ACERCA DA IMAGEM NA SOCIEDADE PÓS-HISTÓRICA**

**Rayanne de Paiva da Silva Reis**

**BRASÍLIA- DF**

**Mai de 2022**

Rayanne de Paiva da Silva Reis

VILÉM FLUSSER:

UMA REFLEXÃO ACERCA DA IMAGEM NA SOCIEDADE PÓS-HISTÓRICA

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia, na disciplina de Monografia Filosófica, como requisito para aprovação e obtenção do grau de licenciatura em filosofia pelo instituto de ciências humanas da Universidade de Brasília-UNB.

**Orientadora Prof.Dr. Priscila Rossinetti Rufinoni**

Rayanne de Paiva da Silva Reis

VILÉM FLUSSER:

UMA REFLEXÃO ACERCA DA IMAGEM NA SOCIEDADE PÓS-HISTÓRICA

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia, na disciplina de Monografia Filosófica, como requisito para aprovação e obtenção do grau de licenciatura em filosofia pelo instituto de ciências humanas da Universidade de Brasília-UNB.

Avaliada conforme:

---

Profa. Dra. Priscila Rossinetti Ruffinoni

(Orientadora)

---

Profa. Dra. Raquel Imanishi Rodrigues

BRASÍLIA-DF

2022

## **Agradecimentos**

À Universidade de Brasília, instituição que me acolheu e me proporcionou grandes momentos.

Ao curso de Filosofia, aos colegas e aos professores, em especial à minha orientadora Priscila Rossinetti Rufinoni, pelo apoio e paciência, sou grata pelo auxílio na elaboração deste trabalho aqui presente.

Não poderia deixar de agradecer à minha mãe Suely e minha irmã Melissa, por acreditarem no meu potencial e em especial à minha filha Aurora que me fez prosseguir e jamais desistir.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos amigos e colegas por todo apoio e compreensão.

*"Uma das características mais notáveis desta nossa era (chamem-na pelo nome que quiserem: a mim, "pós-moderna" não me desagrada) é precisamente a indecente interpenetração, o promíscuo acoplamento, a desavergonhada conjunção entre o humano e a máquina. Em um nível mais abstrato, em um nível "mais alto", essa promiscuidade generalizada traduz-se em uma inextrincável confusão entre ciência e política, entre tecnologia e sociedade, entre natureza e cultura.*

*(Tomaz Tadeu, 2009.)*

## Resumo

A sociedade pós-histórica indica um momento epocal da civilização, em que a imagem passa a ocupar o lugar da escrita, momento este que tem seu início com o surgimento da fotografia, no século XIX. A partir da evolução das imagens e dos aparelhos tecnológicos, o homem passa a ter uma nova forma de se relacionar com as imagens e com o meio social no qual está inserido, surge uma nova cultura na civilização, a era da tecno-imagem.

O novo modo de ser/estar no mundo passa a ocorrer através das imagens técnicas, que tem sua função principal emancipar a sociedade de pensar conceitualmente, como antes faziam na História, através dos textos. Observando a imagem técnica como uma ferramenta programadora do comportamento humano na pós-história, onde se faz necessário que exista uma sociedade programada, em benefício do aparelhamento socioeconômico e industrial, que necessitam que o aparelho programador esteja em constante aperfeiçoamento.

As imagens técnicas não estão refletindo algo, mas apontando para algo, um rumo a ser seguido, não de modo a orientar-se sobre o mundo, mas a fim de dar sentido ao que é mostrado, com a finalidade de que o receptor obedeça ao programa.

**Palavras-chaves:** Pós-história, Aparelho, Imagem, Fotografia, Programa .

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1 A IMAGEM NA PÓS-HISTÓRIA.....</b>	<b>11</b>
1.1 Imagens técnica x Imagens tradicionais.....	13
<b>2 A SOCIEDADE PÓS-HISTÓRICA SEGUNDO VILÉM FLUSSER.....</b>	<b>17</b>
2.1 A contribuição da tecno-imagem para uma nova estrutura social.....	21
<b>3 A FOTOGRAFIA E A CAIXA PRETA.....</b>	<b>23</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>28</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>30</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o propósito de refletir e contribuir com o diálogo acerca do nascimento da era da tecno-imagem ou pós-história, no tempo atual em que se idolatra a imagem, e a sociedade é dominada pelas funções do aparelho e por toda a parafernália tecnológica que nos é apresentada, programa do qual o homem se torna um objeto, cujo papel é seguir inerte os comandos programados, essa é uma das preocupações que Vilém Flusser traz em suas obras.

A era da tecno-imagem surge em um processo no qual se erguem novas formas de se relacionar com o mundo, através da virtualização. Com a evolução das máquinas para aparelho e aparelho para aparelhos cada vez menores, agora ao alcance das mãos, a indústria que fabrica tais produtos torna o homem, gradualmente, em um ser artificial, ao ponto em que o aparelho é extensor do próprio corpo. Aprisionado pela programação imposta, a nova forma de existência do homem no mundo mudou a cultura humana, Flusser analisa as três revoluções industriais no livro *O Mundo Codificado* (1985, p.37-38), segundo o autor, a primeira revolução ocorre no momento em que substitui a mão pela ferramenta, a partir daí surge uma nova forma existencial humana, na qual o homem já não é mais pré-histórico, ele agora passa a estar rodeado de ferramentas, e também rodeado de cultura e aprisionado por ela. A segunda revolução é a substituição da ferramenta pela máquina, tais essas projetadas e feitas a partir de teorias científicas, se tornando mais eficazes, surge uma nova mudança na existência do homem, e este passa a ser substituível, na primeira revolução o homem era a constante e a ferramenta a variável, a partir da segunda, invertem-se os papéis. A terceira revolução é a substituição da máquina por aparelhos eletrônicos, revolução que ainda estamos vivenciando, a passos largos, os aparelhos nos imitam neurofisiologicamente, para Flusser, o homem alienado pela natureza e pela cultura nas revoluções passadas há de ser superado na nova era. O homem agora está conectado com tudo e com todos, aparelhos servem de utilização, e facilitam a apropriação das coisas ao homem, mas com todas essas vantagens do mundo novo, surge um problema que grita silenciosamente, quanto mais os aparelhos evoluírem, mais complexos se tornam e suas funções mais abstratas.<sup>1</sup>

A sociedade pós-histórica, como define Flusser, é o momento em que a sociedade passa a reformular os textos e os transformar em imagens, por volta do século XIX, o surgimento da câmera fotográfica marca a transição epocal, na qual ocorre o período em que a técnica ocupa o lugar da escrita e a sociedade se transforma cada vez mais em um ser/estar virtual, o que tinha sido feito para

---

<sup>1</sup> FLUSSER. *O Mundo Codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*, p. 41



servir acaba por transformar a sociedade em escrava de sua própria criação. Há uma inversão de valores, a partir da qual se passa a viver em torno de uma vida imagética, a sociedade agora é programada por suas próprias ferramentas. O aparelho fotográfico tem um papel importante no início dessa nova era, para Flusser:

"O aparelho fotográfico é produto do aparelho da indústria fotográfica, que é produto do aparelho do parque industrial, que é produto do aparelho sócio-econômico e assim por diante. Através de toda essa hierarquia de aparelhos, corre uma única gigantesca intenção, que se manifesta no output do aparelho fotográfico: fazer com que os aparelhos programem a sociedade para um comportamento propício ao constante aperfeiçoamento dos aparelhos."  
(FLUSSER, 1985, p.24)

Estamos fadados a essa magia do eterno retorno, segundo Flusser imagens técnicas passam a ser realizadas em um eterno retorno em favorecimento da evolução dos aparelhos, em um movimento da magia programadora tudo tende a desembocar nas imagens técnicas, se estabelecendo como uma programação absoluta diante de nós, que assistimos inertes no gesto eternamente repetível.

Vilém discorre sobre a imaginação como capaz de decifrar, abstrair e produzir imagens, mas com a alienação do homem frente ao seu próprio instrumento, ela torna-se uma alucinação, ficando incapacitada de decifrar e questionar, perdendo, o homem, sua capacidade de viver o real, ao olhar o mundo através de imagens manipuladas, em que as mesmas lhe impõe padrões e fomentam a indústria, que por sua vez programa a sociedade. Imersos, cada vez mais, no mundo imagético, as relações humanas se tornam distantes e robotizados. O homem perde sua capacidade crítica e de ação frente às dores de si e dos outros, um momento em que até a tragédia passa a ter certa beleza, imagens editadas e tratadas para serem bem aceitas diante de quem as vê, uma espécie de "máscara" que torna algo horrível em algo passível de contemplação, por fim uma sociedade amorfa, apenas vivendo sob os imperativos da técnica.

"Toda imagem técnica devia ser, simultaneamente, conhecimento (verdade), vivência (beleza) e modelo de comportamento (bondade). Na realidade, porém, a revolução das imagens técnicas tomou rumo diferente, não tornam visível o conhecimento científico, mas o falseiam; não reintroduzem as imagens tradicionais, mas as substituem; não tornam visível a magia subliminar, mas a substituem por outra. Neste sentido, as imagens técnicas passam a ser "falsas", "feias" e "ruins",

além de não terem sido capazes de reunificar a cultura, mas apenas de fundir a sociedade em massa amorfa." (FLUSSER, 1985, p.12)

Atualmente a relação homem-aparelho é uma via de mão dupla, um depende do outro, pois o aparelho só funciona quando tem alguém que o faz funcionar, a partir do desejo humano de usar aquele aparelho, na contramão, só podemos desejar aquilo que o aparelho foi programado para fazer, como a exemplo da fotografia, ela passa um ar de liberdade ao fotógrafo, mas este somente faz aquilo em que o aparelho está programado a executar, ainda que ele tente fugir dessa programação, o aparelho não vai além de suas capacitações, mas até que ponto na evolução tecnológica o aparelho precisará do homem? vemos cada vez mais aparelhos automatizados, o que fará o homem quando a sua única serventia será a de ser mero consumidor dos aparelhos programados?

## 1. A IMAGEM NA PÓS-HISTÓRIA

O intuito das imagens era o de apresentar o mundo ao homem, como se fossem uma ponte entre eles, mas com o desenvolvimento da imagem técnica, a imagem passou a ter outra função no mundo, na atualidade fazem parte da nossa rotina diária, estão presentes em quase todos os instantes e momentos vividos, milhares de imagens à palma da nossa mão, ao alcance do bolso da nossa calça jeans, mas não são mais janelas para o mundo. Por volta do século XIX, a imagem começa a ocupar o lugar da escrita, esse é o início do que Vilém (2012) vai chamar de pós-história, quando a sociedade passa a ter novas formas de se relacionar com a imagem, e a história acaba sendo engolida por esse novo mundo.

O homem passa a vivenciar o mundo através das imagens em superfícies e com a evolução da tecnologia, surgem as imagens técnicas, que são o resultado final (produto) dos processos do aparelho programado, como por exemplo, a imagem de uma câmera fotográfica. Esse início da pós-história começa com a fotografia, que foi a base para construir outros aparelhos de informação, e se expande, nos dias atuais, com os mais diversos aparelhos de comunicação. As imagens técnicas são os frutos desses dispositivos, programas que programam os receptores das imagens, as quais não são usadas para mudar o mundo, dar significado ou muito menos gerar reflexão, elas são as informantes da sociedade emergente do século XXI.

*Não se trata de apanhar o significado do mundo para torná-lo visível por reflexão: trata-se de conferir significado ao insignificante. Os aparelhos não são refletores, mas projetores. Não “explicam” o mundo, como o fazem as imagens tradicionais, mas “informam” o mundo. (FLUSSER, 2012, p.71)*

No cenário atual as imagens ditam o rumo da sociedade, elas invadiram o espaço particular da vida do ser humano, e tudo é feito diante de câmeras, e o que se mostra através desses aparelhos é o que molda o comportamento da sociedade; Vilém chama esse comportamento de *espetáculo eternamente repetível* (2012, p.81). As imagens técnicas possuem um caráter mágico, passando uma impressão de retratar a realidade (objetividade), escondendo sua característica principal, ser um símbolo de comunicação (subjetividade), elas significam um conceito sobre o mundo, a ser decifrado, para que se possa captar o significado real daquilo que nos é mostrado, logo elas não são uma janela para o mundo, pois são produzidas por aparelhos, que por sua vez são frutos da

aplicação de textos científicos, sendo esses aparelhos manipulados por um agente, que tem conceitos já pré estabelecidos em sua mente, ao manipular o aparelho, como por exemplo, o fotógrafo, a imagem que ele capta é também fruto da relação que ele tem com a cena fotografada, ou seja, existe uma distância entre a realidade e a imagem.

*Em termos mais adequados: as imagens técnicas significam programas. São projeções que partem de programas e visam programar os seus receptores. As cenas mostradas pelas imagens técnicas são métodos de como programar a sociedade. (FLUSSER, 2012, p.73)*

As imagens técnicas não estão refletindo algo, mas apontando para algo, um rumo a ser seguido, não de modo a orientar-se sobre o mundo, mas a fim de dar sentido ao que é mostrado, com a finalidade de que o receptor obedeça ao programa. Estamos todos programados, desde de quem imagina o programa, até a quem o recebe, seguimos cegamente em uma direção que levam a lugar nenhum e para sairmos desse estado de inércia, Vilém diz que devemos decodificar o programa, saber o que se passa por dentro da "caixa preta"<sup>2</sup>.

Existe um círculo eterno, quase que vicioso, em que o homem se alimenta da imagem e vice-versa, as imagens nos provocam desejo, nos mostram coisas que queremos e nós queremos que elas nos mostrem coisas, e assim o programa se mantém; seguimos o que nos é mostrado, padrões de beleza, de pensamentos, de comportamentos, queremos os produtos que estão em alta, afinal todo mundo tem, consumimos tudo isso com a consciência adormecida, é automático, somos bonecos nas mãos do programa. O mover dessas informações que chegam até nós acontece de forma muito rápida, a circulação acelerada dessas imagens não nos dá tempo para decodificar o programa, pelo contrário, para Flusser (2012), tudo caminha na direção das imagens, a fim de ser filmado, fotografado, redecodificar o discurso no programa.

Para Flusser, as imagens são superfícies, bidimensionais, que permanecem nas dimensões do plano, logo seu significado também permanece na superfície, e sua origem advém da capacidade humana de imaginar, assim para Vilém a *"imaginação é a capacidade de codificar fenômenos de quatro dimensões em símbolos planos e decodificar as mensagens assim codificadas. Imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens."* (1998, p.27). Para decifrar as imagens é preciso estar atento ao plano, mas uma só olhada não basta, é necessário escanear (*scanning*, 1998 p.28) a

---

<sup>2</sup> dispositivo lacrado cujo interior é inacessível, como a primeira câmera fotográfica.

imagem, observar a estrutura da imagem e captar a intencionalidade tanto do agente que a produziu, quanto do receptor que a observa, esse tempo de contemplação é o que o autor vai chamar de *tempo de magia*, um tempo específico em que se estabelece uma relação significativa com a imagem. Nesse contexto mágico, do processo de significação e relação do ser humano com a imagem, tinha o propósito da imagem ser uma espécie de bússola, mas ocorreu uma inversão de papéis. Não se trata agora da imagem ser um mapa, mas mais se parece com uma parede, interpondo-se entre o mundo e o homem, este último alienou-se, esquecendo o propósito original das imagens, a onipresença das imagens técnicas revela não somente uma revolução tecno-científica, mas também expõe a incapacidade do homem atual de decodificar imagens.

## 1.1 Imagens tradicionais x Imagens técnicas

Imagens tradicionais explicam o mundo, as técnicas, informam, as primeiras foram produto da pré-história e são resultado de uma idealização do agente que as produz, elas refletem algo sobre o mundo, uma orientação que vai de rumo a algo concreto, e por isso são mais fáceis de decodificar, já as imagens técnicas são o início da sociedade da informação, que está emergindo cada vez mais nas últimas décadas, elas dão sentido a algo insignificante, escondem sua codificação, pois entre a imagem e seu significado existe um aparelho e o agente que o manipula, o processo que ocorre no aparelho não é explícito. Nas imagens tradicionais era possível observar sua criação, já nas imagens técnicas, não é possível saber o que se passa por dentro do aparelho e ainda que os dois tipos de imagens apontem para o mesmo caminho(sentido) o seu destino final(significado) não será o mesmo, como veremos no trecho do livro *O Universo das Imagens Técnicas*:

*"As imagens tradicionais são espelhos que refletem os vetores de significado que apanharam do mundo, como o faz a flecha de trânsito que diz "Roma". Alguém esteve em Roma, avançou até esta encruzilhada, inverteu o seu olhar e codificou esta flecha. E quem seguir na direção apontada pela flecha chegará, com alguma sorte, a Roma... Mas as imagens técnicas nada refletem. Não são espelhos. Quem as produziu jamais esteve em Roma, pela simples razão de que lá fora não há nada. Quem seguir a flecha "Roma" jamais chegará a Roma ou a parte alguma. Ainda que as imagens tradicionais e as técnicas tenham o mesmo significado*

*(“Roma”), elas têm sentido diferente. O “sentido” das imagens tradicionais é chegar (orientar-se no mundo) e o “sentido” das imagens técnicas é o de seguir a flecha (dar sentido).” (FLUSSER, 2012, p.71)*

As imagens técnicas inauguraram uma nova era revolucionária, a forma com que elas se imprimem no mundo faz com que pareçam que não precisam ser decifradas, como se seu significado já estivesse à luz da superfície, mas por mais que pareçam objetivas, são na verdade, símbolos abstratos, no campo das abstrações, elas são de terceiro grau, abstraindo uma das duas dimensões das imagens tradicionais, que resultam em textos e na sua reconstituição para que virem imagens novamente, para decifrá-las é necessário reconstituir os textos das quais elas foram feitas, logo, ao decodificar imagens, irrompe um mundo conceitual e o que vemos é justamente conceitos acerca do mundo impressos na superfície. Imagens tradicionais também estão no campo dos símbolos abstratos, mas diferente das imagens técnicas, elas abstraem duas dimensões, essas agora desaguardam nas imagens técnicas, que segundo Flusser elas não são reintroduzidas, mas substituídas e passam a ser reproduzidas em um permanente estado de retorno, tudo passa a curvar-se ao rumo das imagens técnicas segundo Flusser *“Como a imagem técnica é a meta de qualquer acto, este deixa de ser histórico, passando a ser um ritual de magia.”* (1998, p.38).

Imagens técnicas são usadas para definir nossa cultura, não só esteticamente falando, não somos uma sociedade pautada estritamente na estética, ainda que na fotografia a busca pelo belo é quase inevitável, nossa cultura carrega consigo uma visão magicizada e deturpada da realidade, motivo esse de estarmos cada vez mais distantes da nossa própria história e de nós mesmos. A exemplo, fotos de guerras ou tragédias, não afligem mais o receptor, as imagens manipuladas acabam por apagar a dureza da cena, anulando toda a dor e sofrimento ou ainda um destarte que faça o receptor acordar, anestesiados por um mar de imagens na palma da nossa mão, ao mesmo tempo em que a fotografia traz realidades de diferentes pessoas e lugares, também faz com que a sociedade se torne espectadores dessas vidas, das derrotas de um povo, de uma classe social, de uma minoria que acabam por virar espetáculos em fotos manipuladas, tratadas e editadas. A capacidade de tudo se tornar mais interessante através da fotografia é algo vazio, damos humanidade a objetos e objetificamos os seres humanos, há uma inversão de valores na cultura, percebe-se que quando perdemos a criticidade das coisas, perdemos também uma certa lógica na aquisição dos valores morais e éticos. Susan Sontag diz:

*"Uma sociedade capitalista requer uma cultura com base em imagens. Precisa fornecer grande quantidade de entretenimento a fim de estimular o consumo e anestesiar as feridas de classe, de raça e de sexo. E precisa reunir uma quantidade ilimitada de informações para melhor explorar as reservas naturais, aumentar a produtividade, manter a ordem, fazer a guerra, dar emprego a burocratas. As faculdades geminadas da câmara, subjetivizar a realidade e objetificá-lá, servem idealmente a essas necessidades e as reforçam." (SONTAG, 2004, p.98)*

Para um bom funcionamento da sociedade industrial, as imagens definem a realidade, segundo Susan, de duas maneiras, uma em forma de espetáculo, direcionada às massas e a outra em forma, como objeto de vigilância, para as autoridades. Imagens carregam consigo uma ideologia dominante, além de uma falsa sensação de liberdade, o objetivo de tudo ser fotografável, encobre o verdadeiro objetivo, gerar seres que consome ilimitadamente, na medida que produz e consome imagens, é necessário um reabastecimento ad infinitum. Para Vilém as imagens técnicas passam a ser reproduzidas em um eterno retorno, e tudo se volta, agora, para elas:

*"Tudo, atualmente, tende para as imagens técnicas, são elas a memória eterna de todo empenho. Todo ato científico, artístico e político visa eternizar-se em imagem técnica, visa ser fotografado, filmado, videoteipado. Como a imagem técnica é a meta de todo ato, este deixa de ser histórico, passando a ser um ritual de magia. Gesto eternamente reconstituível segundo o programa. Com efeito, o universo das imagens técnicas vai se estabelecendo como plenitude dos tempos. E, apenas se considerada sob tal ângulo apocalíptico, é que a fotografia adquire seus devidos contornos." (FLUSSER, 1985, p.12)*

Uma das características mais presentes nas imagens técnicas, é a possibilidade de materializar conceitos sobre o mundo, porém, elas não podem corresponder a qualquer tradução fidedigna do mundo, pois como já dito, entre a imagem técnica e o mundo se interpõe uma série tradutores, por vezes abstratos até chegar ao produto final do aparelho. Apesar das imagens serem produtos e materialização dos processos mentais humanos, estes intervêm no imaginário de forma repetitiva até um esgotamento ou até a uma aceitação de tal repetição, em que se acredita cegamente no que

recebe, sem mais questionar, por esgotamento ou aceitação, nos tornamos uma sociedade que sofre a perda da capacidade de julgamento, funcionários de um sistema produtivo, analfabetos em relação às imagens que nos mesmos produzimos.



## 2. A SOCIEDADE PÓS-HISTÓRICA SEGUNDO VILÉM FLUSSER

No início do Livro *Pós-história Vinte Instantâneos e um Modo de Usar* (2011) Vilém discorre sobre o caminho que a sociedade do futuro está tomando, especificamente sobre o Ocidente, onde o progresso cultural vai rumo a uma vacuidade que resultará no nosso próprio aniquilamento, o autor chega a comparar a situação com Auschwitz, e isso se dá pelo fato de que nossa cultura está aterrada em um ambiente de virtualidades, não somos uma sociedade apenas do aparelho.

*A possibilidade de se realizarem Auschwitzs está implícita na nossa cultura desde o seu início: o "projeto" o ocidental a abrigava, embora enquanto possibilidade remota. Está no **programa** inicial do Ocidente, o qual vai realizando todas as suas virtualidades, na medida em que a história vai-se desenrolando.* (FLUSSER, 2011, p.21)

A sociedade das virtualidades é caracterizada pela facilidade em transformar o ser humano em objeto, executando de forma menos evidente que em Auschwitz, passando por nossos olhos como algo natural, mas reduzindo-nos a meros objetos de manipulação. A sociedade é um tecido social que se organiza por códigos de comunicação, somos partes constituintes dessa massa, Vilém traz à tona o caráter político e dominante das imagens técnicas que influenciam essa massa, fica ainda mais explícito a sua manipulação quando nos deparamos com o funcionamento da sociedade atual, onde a vivência do ser humano se torna cada vez mais dentro do mundo imaginado (magicização), os meios de comunicação transformaram a sociedade em uma sociedade de massas, principalmente o ocidente, segundo Mills:

"...podemos dizer que os meios de comunicação levam o leitor, o ouvinte ou espectador à visão de grupos de referência mais amplos e mais altos – reais ou imaginários, conhecidos pessoalmente ou percebidos de relance – que constituem os espelhos de sua auto-imagem...1) os meios de comunicação dizem ao homem da massa quem ele é – dão-lhe identidade; 2) dizem-lhe o que deseja ser – dão-lhe aspirações; 3) dizem-lhe como chegar lá – dão-lhe a técnica; e 4) dizem-lhe como se sentir em vias de chegar, mesmo que não esteja – dão-lhe a fuga. A distância entre a identidade e a aspiração leva à técnica ou à fuga. Essa é

provavelmente a fórmula psicológica básica dos meios de comunicação em massa, hoje. Mas, como fórmula, não está destinada ao desenvolvimento do ser humano: é a fórmula de um pseudomundo, inventado e mantido por esses meios." (MILLS, 1977, p.318).

Para Mills, mesmo que o homem tenha experiências pessoais e diretas, elas ainda serão organizadas e padronizadas pelos meios de comunicação, o ritmo de modificação é tão rápido e profundo, que a alienação não nos deixa ter uma percepção racional das questões da sociedade que refletem no indivíduo. Nesse contexto, a fotografia tem parte fundamental na produção da sociedade das massas. Imagens são programadas para serem jogadas no vasto mundo tecnológico, em uma corrente massificada, onde o receptor vai rapidamente captar a mensagem e descartar a imagem, fica visível a decadência do valor humano e a valoração da informação. Ainda que a imagem tenha sua importância (somente porque se faz necessária a distribuição de informações), sendo distribuída por milhares de vias eletrônicas, a informação é que detém o poder maior, os canais de distribuição de informação vão adequar as fotografias/imagens técnicas para que fiquem ajustadas aos valores que querem repassar à sociedade, segundo Flusser, nosso comportamento vai sendo ajustado e moldado segundo as informações que recebemos através das imagens, tendo elas três aspectos, científicos, políticos ou estéticos:

*O ideal clássico dos indicativos é a verdade; dos imperativos, a bondade; dos optativos, a beleza. Na realidade, porém, é classificação insustentável. Qualquer indicativo científico tem aspectos políticos e estéticos; qualquer imperativo político tem aspectos científicos e estéticos; qualquer gesto optativo (obra de arte) tem aspectos científicos e políticos. (FLUSSER, 1998, p.69)*

Na sociedade pós-histórica os meios comunicacionais não somente são fonte de informação, mas orientam nossos padrões de realidade, não pela nossa própria experiência, mas pelas determinações do programa. A banalização da fotografia resultou em um mar de imagens direcionadas ao receptor ilimitadamente, sem que este tenha alguma consciência de fato do que recebe e sem tempo suficiente para analisar ou para pensar sobre o que vê, não há descodificação ou transcodificação da imagem, o aparelho e sua programação dominam o homem, sem que ele perceba. As imagens-técnicas que são direcionadas para a maior parte da sociedade(massa), não são e nem

querem ser decodificadas, pois isso significaria redescobrir os textos por trás delas, sua finalidade é causar um efeito de ação e reação, sem que haja qualquer questionamento, são imagens imperativas que custam ao receptor sua própria liberdade, o pensamento magicizado está em a massa seguir os comandos para que sejam programados simetricamente. As cenas fotografadas sobre a realidade (miséria, dor, morte, guerras, etc) seguem latentes e desaparecem na medida em que não se sabe decifrá-las, apenas contemplá-las, ao ver uma guerra, uma tragédia, um pedido de socorro, as pessoas registram, como se fosse uma bela paisagem, imagens assim são tratadas, editadas para que pareçam menos ruins do que realmente são, o receptor contempla a dor do outro, mas sem senti-la, não há ação no olhar imóvel, por rotina do olhar e da percepção, pode o indivíduo recortar a imagem, guardar a sua historicidade, um tipo de relação mágica, como assim Vilém a chama, nesses casos não há uma relação de ação e reação, mas de estagnação, frente a uma falta de comando, a sociedade vive e respira imagens, e não consegue mais enxergar a dor da sua própria realidade. Para Susan Sontag fotos distanciam as emoções, transformam a história em um espetáculo, assistimos, aplaudimos e vamos embora; uma câmera tem o poder de tornar uma cena esteticamente mais bela, para a autora essa é a fraqueza da fotografia, a dificuldade em revelar a verdade, fazendo do mundo um grande objeto, até quando uma imagem é produzida para mostrar alguma mazela do mundo, ela tende a virar um objeto de apreciação estética, ao exemplo das fotografias de Robert Capa, o fotógrafo das guerras, retratando os conflitos mundiais, sem dúvidas obras de arte, mas que escondem todo o caráter assombroso de uma guerra, ainda que a intuição do fotógrafo fosse mostrar a situação precária e desoladora da humanidade naquele momento, esteticamente falando as imagens acabam por anular o sofrimento, não que não aflija quem as vê, mas há um distanciamento emocional que a longo prazo torna a sociedade anestesiada de suas próprias feridas. Para Flusser há um desmembramento da sociedade, tornando os indivíduos solitários:

"A dispersão da sociedade, a dissipação de grupos em grãos, vai transformando a humanidade em massa aparentemente amorfa. A ex-família em torno da TV não mais se estrutura por laços intra-humanos, ela se desintegrou. As pessoas em cinema, geometricamente ordenadas pelas poltronas, não se estruturam mais por laços intra-humanos: não são grupo, mas massa informe. A criança que brinca com computador dá as costas uns aos outros, e quando adultos não mais terá nem "consciência social", nem de família, nem de classe, nem de povo: desintegrou-se." (FLUSSER, 2012, p.90-91)

Para Flusser a maioria da sociedade participa dela de forma apática:

"A maior parte da humanidade não trabalha. Serve ao trabalho de outros como instrumento. Em seu estranhamento não quer saber nem como é o mundo nem como deve ser, e nem sequer lhe ocorre a idéia de que se podia mudar o mundo. Essa humanidade só participa da história de forma passiva: a sofre." (FLUSSER, 1994, p.20)

A sociedade tem aprendido a não viver sem os aparelhos, pois eles nos proporcionam meios satisfatórios de sobrevivência, eles tem se tornado o objetivo para qual faz sentido queremos alcançar, o universo gira em torno do aparelho e segundo Flusser: "*Não há nada mais além do aparato; e qualquer especulação ontológica e ética que vá mais além dele mesmo, isto é, qualquer questionamento da função e do funcionamento se tem transformado em "metafísica" e perdido seu sentido (isto é precisamente o "desespero").*"(1994, p.27). A sociedade pós-histórica caminha desenfreadamente para um abismo, cujo fim parece estar inteiramente ligado ao homem se libertar do trabalho, onde o mundo foi modificado pelo aparato de tal maneira que não cabe mais ao homem exercer função alguma, esse é o fim da história, a pós-história é o momento que estamos vivendo, pelo aparelho e em função dele, segundo Vilém:

"O pensamento epistemológico, não menos que o ético, definitivamente se têm substituído pelo pensamento cibernético e estratégico e pela análise de programa. A história está chegando ao final. Pois, quando ao método se incorpora o ser e o dever e quando à técnica se anexa a ciência e a política, o absurdo a tudo invade e corrói. O método pelo método, a técnica como fim e l'art pour l'art, ou seja, o funcionamento como função de uma função, eis o que constitui a vida pós-histórica sem trabalho. É pós-histórica, porque a história é o processo em que o homem transforma o mundo, para que seja como deve ser; quando o trabalho se detém, cessa também a história. E o trabalho cessa, quando já não tem sentido perguntar por como deve ser o mundo. Cessa, quando se estabelece o aparato. Não porque o aparato "trabalhe por nós", mas sim porque o aparato modifica o mundo de tal maneira que torna impossível a pergunta de como ele deve ser.

O aparato é o final da história, um final já previsto por todas as utopias. É a existência liberada do trabalho; é a existência emancipada para a arte pela arte; é a existência do consumo e da contemplação. A plenitude dos tempos. Nela existimos nós. Ou quase. Mas não reconhecemos as utopias em nossa situação,

pois, em que pese se estar para além das máquinas, continuamos sendo incapazes de representar uma vida sem trabalho nem significado. Mais para além das máquinas nos encontramos em uma situação inimaginável." (FLUSSER, 1984, p.29)

## 2.1 A contribuição da tecno-imagem para uma nova estrutura social

O mundo atual é um amontoado de imagens sedutoras com mensagens codificadas, criadas especialmente para atrair nossa atenção, despertar nossos desejos, são como um caçador ansiando por sua caça, nós somos a caça nesse jogo, somos devorados por essas mensagens e informados a todo o instante que necessitamos delas. As imagens técnicas contribuem diretamente para a construção dessa nova estrutura social, uma sociedade individualista, solitária, sem espaço para diálogos, sem emoções, indivíduos dormentes, objetos consumidores; surge uma nova cultura construída a partir de cenas imagéticas, a nova postura humana se dá através dos códigos de comunicação dos instrumentos técnicos, a nova vida está condicionada a uma não consciência do que captamos ao nosso redor, somos serventes dos nossos próprios instrumentos. O modelo emergente estruturado na pós -história, *coisificou* o ser humano, a imagem técnica é o arquétipo configurador dessa nova estrutura, Flusser aponta a imagem técnica como projetora desse novo mundo:

As imagens técnicas não são espelhos, mas projetores: projetam sentido sobre superfícies, e tais projeções devem constituir-se em projetos vitais para os seus espectadores. A gente deve seguir os projetos. Destarte surge estrutura social nova, a da "sociedade informática", a qual ordena as pessoas em torno de imagens. (FLUSSER,2012, p.77)

No mundo atual, marcado pelo tecnocentrismo, as imagens técnicas não aproximam a sociedade, estão focadas em nortear o indivíduo para um rumo insociável fisicamente, o contato social se dá através dos meios digitais, existe uma superficialidade no contato humano, a dinâmica social não se dá mais no meio público, somos empurrados a estarmos nos recantos mais privados possíveis, pois não somos mais informados no ambiente coletivo, as informações chegam às nossas acomodações,

de forma que ainda longe fisicamente uns dos outros, estamos informados e conectados com o mundo todo através das imagens técnicas, como uma sociedade mundial, a comunicação acontece em tempo real, não existem fronteiras, viajamos, conhecemos o mundo e pessoas sem sair da nossa cama, em uma leitura certa do futuro Vilém aponta "*Em tal aperto e em tal angústia a sociedade espalhada será doravante programada a vivenciar; a conhecer; a valorizar; e a agir apertando teclas.*" (2012, p. 76), logo o espaço discursivo que antes existia, fora substituído por um ataque estratégico, constante e sistemático, de imagens, vídeos e mensagens, através dos aparatos eletrônicos.

A condição da sociedade telemática é vivenciar a vida através dos aparelhos, como já vimos ela se organiza ao redor da tecnologia da informação, a sociedade emergente remodelou as dimensões de espaço e tempo, essa movimentação rompeu a antiga forma de vivenciar o mundo, o tempo diminuiu a ponto de ser instantâneo e o espaço ganhou proporção planetária, a imagem que chega aqui ao mesmo tempo chega do outro lado do mundo no mesmo instante. Para Heidegger, uma das características dos tempos modernos é o mundo se tornar uma representação, "*Imagem do mundo, compreendida essencialmente, não quer, por isso, dizer uma imagem que se faz do mundo, mas o mundo concebido como imagem*" (1998, p. 112), isso se dá pela dominação do pensamento técnico-científico, imagens carregam consigo, além de uma intencionalidade velada, a visão do mundo de quem as criou e o receptor as retém com uma falsa consciência de que são o próprio mundo, pensamos programadamente de forma automática, alienamos-nos através da fotografia e tomamos nosso próprio brinquedo como modelo de mundo.

### 3. A FOTOGRAFIA E A CAIXA PRETA

Das conferências e aulas ministradas por Vilém Flusser, gerou-se o livro *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*, publicado em 1983, o autor analisa a fotografia do ponto de vista pós-histórico, ou seja, no campo da cibernética, nesta obra o autor apresenta uma análise acerca da fotografia, como um pretexto para dialogar filosoficamente sobre o aparelho. Apesar do pretexto usado, a preocupação filosófica de Vilém se deita sobre a cultura contemporânea, questões como códigos culturais de comunicação e análise de mídia.

O fluxo da História foi rompido ao passo que a fotografia inseriu a imagem na História, a representação que a imagem traz consigo é fruto de um pensamento científico, bem calculado, produzido propositalmente, em um processo concreto, por este motivo a primeira imagem pós-histórica é a fotografia. A forma que o ser humano usa para identificar a imagem, é a forma ocular, mas isso quer dizer que o que se vê é a superfície da imagem, a dificuldade em desvendá-la está em não saber como foi produzida, qual a intenção do emissor, quais acontecimentos levaram o aparelho ao produzir a imagem, no caso das imagens tradicionais, era possível contemplar sua criação, já sobre as imagens técnicas Flusser disserta:

No caso das imagens técnicas, a situação é menos evidente. Por certo, há também um fator que se interpõe (entre elas e seu significado): um aparelho e um agente humano que o manipula (fotógrafo, cinegrafista). Mas tal complexo “aparelho-operador” parece não interromper o elo entre a imagem e seu significado. Pelo contrário, parece ser canal que liga imagem e significado. Isto porque o complexo “aparelho-operador” é demasiadamente complicado para que possa ser penetrado: é caixa preta e o que se vê é apenas input e output. Quem vê input e output vê o canal e não o processo codificador que se passa no interior da caixa preta. Toda crítica da imagem técnica deve visar o branqueamento dessa caixa. Dada a dificuldade de tal tarefa, somos por enquanto analfabetos em relação às imagens técnicas. Não sabemos como decifrá-las. (FLUSSER, 1985, p.38)

Uma das funções da imagem técnica é programar a sociedade de forma que esta não tenha necessidade pensar conceitualmente, ao anular os textos, a imagem faz com que nossa consciência histórica seja substituída por uma consciência mágica, a fotografia foi o protótipo das imagens

técnicas, necessariamente criada para a substituição dos textos, segundo Flusser "*Imagens técnicas foram inventadas no momento de crise dos textos, a fim de ultrapassar o perigo da textolatria.*" (1985, p.11).

O aparelho fotográfico foi o molde para a criação os aparelhos eletrônicos, Flusser denomina o aparelho de a *caixa preta*, pois seu interior é velado, desconhecido, dificilmente penetrável, ele funciona em função da intenção e do comando do fotógrafo, que domina as funções do aparelho, que entende de apertar botões, *input* e *output*, mas sem saber o que passa no interior do aparelho, o fotógrafo por ele é dominado, "*Em outras palavras: funcionários dominam jogos para os quais não podem ser totalmente competentes.*" (1985, p.16), ou seja, o fotógrafo é um *funcionário*<sup>3</sup>, aquele faz o aparelho exercer sua função programadora, o aparelho é dependente do fotógrafo para que seu programa funcione, pois o aparelho por si só não funciona, mas de acordo com sua programação visa mudar a forma de vivência da sociedade. A intenção do aparelho fotográfico é gerar um produto final não para ser consumido, mas para ser um produto condutor de informação. Existe uma hierarquia de poderes até chegar ao receptor da informação, o fotógrafo exerce poder sobre o receptor de suas imagens, o aparelho exerce poder sobre o fotógrafo, a indústria fotográfica sobre o aparelho e assim por diante, para Flusser isso é a sociedade informática, a sede de poder no que Vilém chama de *jogo*<sup>4</sup>, agora é uma corrida não atrás do objeto, mas sim, atrás da informação, como diz Flusser:

O aparelho fotográfico é o primeiro, o mais simples e o relativamente mais transparente de todos os aparelhos. O fotógrafo é o primeiro "funcionário", o mais ingênuo e o mais viável de ser analisado. No entanto, no aparelho fotográfico e no fotógrafo já estão, como germes, contidas todas as virtualidades do mundo pós-industrial. Sobretudo, torna-se observável na atividade fotográfica, a desvalorização do objeto e a valorização da informação como sede de poder. Portanto, a análise do gesto de fotografar, este movimento do complexo "aparelho-fotógrafo", pode ser exercido para a análise da existência humana em situação pós-industrial, aparelhizada. (FLUSSER, 1985, p.17)

Todo o processo de intenção, programada no aparelho, em programar a sociedade para um constante aperfeiçoamento do aparelho, tem por trás de si a junção de todo um aparelhamento socioeconômico e industrial, em contrapartida o fotógrafo usa o aparelho na intenção de que suas

---

<sup>3</sup> Funcionário: pessoa que brinca com aparelho e age em função dele. FLUSSER, 1985.

<sup>4</sup> Jogo: atividade que tem fim em si mesma. FLUSSER, 1985.



imagens sejam eternizadas em quem as recebe, logo as intenções tanto do aparelho, quanto das do fotógrafo divergem e convergem em vários pontos, nos pontos divergentes, o aparelho e o fotógrafo se combatem, nos convergentes, se ajudam, segundo Flusser toda fotografia é resultado desse embate e colaboração, para que se decifre uma fotografia é necessário analisar os frutos dessa relação que se estabelece e se relacionam na fotografia. É necessário que haja uma crítica que evidencie essas duas intenções, "*A fotografia é, pois, mensagem que articula ambas as intenções codificadoras. Enquanto não existir crítica fotográfica que revele essa ambiguidade do código fotográfico, a intenção do aparelho prevalecerá sobre a intenção humana.*" (FLUSSER, 1985, p. 25).

Para Susan Sontag, "*A realidade sempre foi interpretada por meio das informações fornecidas pelas imagens.*" (SONTAG, 2004, p. 86), imagens se tornaram indispensáveis para a vivência humana, uma das principais atividades do homem atual, se tornou produzir e consumir imagens, ou seja, elas determinam nossas necessidades e desejos em relação à realidade, a representação se tornou a referência do modelo de vida, e se torna verdadeira ao passo que se assemelha com o real, mas é uma representação embelezada da realidade, no que diz respeito a imagem fotográfica como representação do real Susan argumenta que:

"Pois as imagens que desfrutam uma autoridade quase ilimitada em uma sociedade moderna são sobretudo imagens fotográficas; e o alcance dessa autoridade decorre das propriedades peculiares das imagens tiradas por câmeras. Tais imagens são de fato capazes de usurpar a realidade porque, antes de tudo, uma foto não é apenas uma imagem (como uma pintura é uma imagem), uma interpretação do real; é também um vestígio, algo diretamente decalcado do real, como uma pegada ou uma máscara mortuária."(SONTAG, 2004,p.86)

Um dos problemas da sociedade pós-histórica que Susan traz em sua obra, é a questão de o homem não perceber mais a imagem como a realidade, mas a própria realidade se parecer cada vez mais com o que a câmera nos mostra, experimentando a vida e buscando viver experiências através de uma foto, como se imagens os tornassem reais, como se a existência humana agora estivesse totalmente pautada em sermos um mundo-imagem. Uma fotografia oferece uma falsa sensação de acesso imediato ao mundo real, a realidade não pode ser adquirida, mas fotografias sim, logo, não é a realidade que adquirimos, mas uma imagem dela que nos é imediatamente acessível. "*Possuir o*

*mundo na forma de imagens é, precisamente, reexperimentar a irrealidade e o caráter distante do real.*" (SONTAG, 2004, p.91)

• • •

A caixa preta de Vilém Flusser, funciona como uma metáfora a respeito da sociedade pós-histórica, para mostrar como a vivência e a comunicação humana se modificaram com o impacto da evolução da tecnologia. O modo de comunicação atual se baseia no discurso, a falta do diálogo na sociedade é consequência da separação e da solidão das massas, recebemos uma enxurrada de discursos bem elaborados e distribuídos de forma que os homens não conseguem elaborar informações novas dialogando com o outro, então a discrepância entre o discurso e o diálogo, onde o discurso cada vez mais se sobrepõe ao diálogo, vai aumentando o distanciamento social. Para Flusser a comunicação humana é um processo artificial: *Baseia-se em artifícios, descobertas, ferramentas e instrumentos, a saber, em símbolos organizados em códigos.* (2007, p.89).

Para Flusser, a objetividade da comunicação é fazer com que o homem se esqueça de sua solidão e da condição insignificante em que este se ambienta, ocupar-se da comunicação a fim de escapar da falta de sentido da vida, que caminha rumo à morte, logo a comunicação é uma ferramenta artificial que o homem encontrou para fugir de sua própria solidão, a fim de tornar a vida minimamente vivível, o homem "...é um "animal político", não pelo fato de ser um animal social, mas sim porque é um animal solitário, incapaz de viver na solidão." (FLUSSER, 2007, p.91). No desenrolar da evolução da comunicação humana, o equilíbrio entre discurso e diálogo foi rompido e o homem tornou-se a se sentir solitário, mesmo diante de uma era em que a comunicação funciona perfeitamente bem, mas perdeu-se a capacidade de dialogar com o outro e de adquirir por si próprio novas informações.

Ao passo que as imagens se tornam transportáveis numa velocidade cada vez mais rápida e sua disseminação cada vez mais ampla, o homem se distancia do espaço público, isso também contribui para um espaço político progressivamente supérfluo, ele não precisa mais sair para conhecer o mundo, ele o tem na palma de suas mãos, o que agora é preciso é reunir-se em volta das imagens e assim o programa é enriquecido, resultando numa idolatria de imagens, como diz Flusser a seguir:

"As imagens (como toda mediação) tendem a obstruir o caminho em direção àquilo que é mediado por elas. E com isso seu posicionamento ontológico vira de

ponta cabeça: de placas indicativas elas se tornam obstáculos. A consequência é uma inversão nociva do homem a face das imagens. Agora, em vez de se utilizar da circunstância expressa nas imagens como modelo para uma orientação no mundo dos objetos, o homem começa a empregar sua experiência concreta nesse mundo para se orientar nas imagens. Em vez de basear-se nelas para lidar com o mundo dos objetos, ele começa a tomar como base sua experiência com o mundo concreto para poder lidar com as imagens. Essa inversão se chama "idolatria", e o comportamento resultante dessa idolatria é chamado de "mágico". (FLUSSER, 2007, p.166)

Os padrões de comportamento existem para realizarem uma função, a de controle das massas, em uma sociedade tão complexa, quanto a nossa, é preciso prever o comportamento humano de antemão, a fotografia é uma excelente ferramenta, servindo como modelo de vivência. O homem ao ser alcançado pelas imagens se torna o objeto do aparelho, se deixa estagnar em função dele, é programado como um consumidor do produto, as informações que ele recebe e acumula modifica seu comportamento e o mundo passa a fazer sentido através daquilo que ele vê nas imagens, o programa traduz imagens cada vez mais fáceis de serem incorporadas pelo receptor, e com isso o programa reduz gradualmente as críticas por parte do receptor, a aceleração no recebimento e na sequência de imagens receptadas é tão grande que impossibilita o receptor de interromper a transmissão.

## CONCLUSÃO

Imagens técnicas nos dão a falsa sensação de conhecimento sobre o mundo, como um acesso para a realidade, são tão realistas que carregam consigo uma ilusão de que são palpáveis, enquanto constituem um distanciamento com a realidade, o objetivo do programa é cumprido no exato momento em que imagens ludibriam nossos olhos nos forçando a enxergar significado sobre o mundo, onde na verdade significam conceitos.

Na história o homem vivia em um universo textual, o mundo se manifestava através de códigos e sinais que necessitavam de interpretação, logo o homem dominava a ferramenta que dava rumo ao mundo, esses vetores de significado conferiam ao homem um importante posição, pois era preciso inclinar se ao mundo para obter seus significados. Já na pós-história, com o surgimento das imagens técnicas, essa posição do homem perante ao mundo se tornou desnecessária, visto que os sinais que o mundo emite na nova era não significam algo, não possuem vetores de significado. Do mundo marcado pelo universo fotográfico, surge uma cultura mundial baseada na construção de cenas imagéticas, onde o acesso ao mundo limita-se a ser códigos de comunicação, oriundos de aparatos eletrônicos em constante aperfeiçoamento, o homem projeta o modelo de vida e sociedade em aparelhos capazes de alterar a realidade, modelos reais são esquecidos para darem lugar a representações de modelos que dão rumo a nova sociedade, é necessário revisitarmos a História e reaprender a tomar posição no mundo, ressignificar o que representa o novo modelo de sociedade, rever o modo de ser/estar na era da técnica.

"...o universo fotográfico não é apenas um evento relativamente inócuo do funcionamento, mas pelo contrário, é o modelo de toda vida futura. E que a filosofia da fotografia pode vir a ser o ponto de partida para toda disciplina, que tenha como objeto a vida do homem futuro." (FLUSSER, 1985,P.38)

A filosofia da fotografia é necessária pois ela tem o poder de gerar uma reflexão acerca dos aspectos da vida futura do ser humano, tal como será esse novo caminho a ser seguido pela humanidade, assim como gerar um importante diálogo acerca da liberdade em um mundo programado por aparatos técnicos. É necessário um desvelamento da *Caixa Preta*, é preciso voltar a dialogar e contestar a engrenagem social onde estamos inseridos, o problema central não são os

instrumentos técnicos, mas o rumo que o ser humano caminha, uma cegueira social e o perigo de não ser possível desvelar mais a verdade da coisa. A emergência está justamente em questionar sobre a liberdade em um mundo marcado pelo tecnocentrismo, ver para além do funcionalismo, refletir sobre uma reorganização do mundo, rejeitando a coisificação, realocando a técnica para que esta sirva ao homem e não o homem à técnica. A sociedade não sabendo mais direcionar a técnica como servente, exerce o papel de criação e não de criador, a filosofia tem o importante papel de trazer o ser humano de volta ao enfoque do mundo, onde ele é seu próprio senhor e libertador. Deve-se estabelecer o papel do homem na relação homem-técnica de forma que sua liberdade não esteja condicionada ao papel de não ter ocupação no mundo futuro tomado por máquinas que funcionam progressivamente independentes do homem, pouco a pouco surgem aparelhos autônomos. Caberia então, o papel de insurgir contra a alienação da sociedade, contra a robotização do pensamento e tratar sobre as questões de liberdade dentro de uma sociedade pautada sobre a tecnologia, desvelando a intenção por trás das imagens técnicas.

Temos de dar o devido reconhecimento à fotografia pela importante função de levar à sociedade os mais diversos conteúdos e informações, principalmente àqueles que não tinham acesso, o mundo pós-histórico é muito acessível, ainda que o caráter fotográfico atual seja o de manipulação e eterno ciclo de elaboração de novas imagens, para que não gere de fato uma transformação na sociedade. Concluo que a fotografia é um dos mecanismos de conhecimento da realidade, e que está pautada sobre a imagem técnica, com a capacidade de alteração da realidade, através dos aparelhos eletrônicos, com a intenção de aformosear o mundo de tal forma que não se enxergue a mediocridade da sociedade pós-histórica, transformando-a numa representação perfeita de uma realidade imaginada.

## BIBLIOGRAFIA

FLUSSER, Vilém.

\_\_\_\_\_ **Filosofia da Caixa Preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia.**  
Editora Hucitec, 1985.

\_\_\_\_\_ **Los Gestos: Fenomenología y comunicación.** Editorial Herder, 1994.

\_\_\_\_\_ **Ensaio Sobre a Fotografia.** Relógio D'Água Editores, 1998.

\_\_\_\_\_ **O Mundo Codificado: Por uma filosofia do design e da comunicação.**  
Editora Cosac Naify, 2007.

\_\_\_\_\_ **Pos-história: Vinte instantâneos e um modo de usar.** Annablume, 2011.

\_\_\_\_\_ **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade.** Annablume,  
2012.

MILLS, C.W. In FORACCHI, M.L. e MARTINS, J.S. **Sociologia e Sociedade.** Editora LTC, 1977.

SONTAG, Susan. **Sobre a Fotografia.** Companhia das Letras, 2004.

TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue : as vertigens do pós-humano.** 2.ed. Autêntica  
Editora, 2009.